ENSINANDO GEOGRAFIA PELAS IMAGENS: A PAISAGEM NA CIDADE DE SALVADOR.

Marcelo Amorim Correia
correiacelo@yahoo.com.br
UEFS / FACULDADE SOCIAL / COLÉGIO ANTONIO VIEIRA- BAHIA
Marcelo Oliveira de Faria
marcelo.faria65@gmail.com
UEFS / COLÉGIO ANTONIO VIEIRA - BAHIA
Helmut Schwarzelmuller
muttimuller@yahoo.com.br
UNIJORGE / UFBA – BAHIA

INTRODUÇÃO

Desde as últimas décadas do século XX, a Geografia vem se repensando como ciência e como componente curricular na escola básica. O processo de renovação da Geografia implicou a adoção de novas metodologias de análise geográfica e, por extensão, na redefinição da epistemologia geográfica que não apenas aumentou a contribuição da Geografia no entendimento das relações sociais, políticas, econômicas e territoriais, como também possibilitou a criação de novos temas de reflexão.

O impacto dessas mudanças na Geografia escolar foi grande, mas também muito confuso. Boa parte das reflexões em torno das mudanças no ensino de Geografia têm enfocado a questão das metodologias de trabalho docente, mais precisamente às relações ensino-aprendizagem, e pouca atenção tem sido dada aos aspectos teórico-metodológicos ou epistemológicos da Geografia propriamente dita. Neste campo, há muito que se discutir, pois desenvolver propostas de trabalho a partir da Geografia renovada implica clareza nos conceitos e categorias necessárias à análise dos processos espaciais.

O presente trabalho é produto de nossas reflexões em torno desta questão, e procura apresentar uma proposta de ensino da Geografia da cidade de Salvador a partir do conceito de paisagem-marca e paisagem-matriz proposto por Berque (1984). O trabalho se inicia com uma reflexão em torno do conceito de paisagem como materialidade externa, como uma dimensão material composta por objetos naturais e objetos sociais, consagrada na Geografia clássica.

A PAISAGEM

Postulamos uma análise da paisagem para além de sua visualidade, isto é, como um dado físico apenas, mas que incorpore também aspectos simbólicos que sustentam sua visibilidade, tal qual nos propõe Jameson (1994). Assim, a paisagem é mais que um dado físico e objetivo, mas um conjunto simbólico a ser desvendado, e cujo desvendamento depende do domínio de uma gramática de análise visual que deve ser ensinada.

Essa perspectiva implica reconhecermos uma relação entre as paisagens e os sujeitos que a observam e dela querem extrair conhecimento. Nas palavras de Berque: "[...] a paisagem e o sujeito são co-integrados em um conjunto unitário que se autoproduz e auto-reproduz". (BERQUE, 1998, p 86).

Nesse sentido a paisagem é concomitantemente uma marca, uma *geo-grafia,* produzida pela sociedade e ao mesmo tempo em que constituem a condição para a vivência-experiência da ação antrópica. Se por um lado é um espetáculo, isto é um olhar, por um olhar pelo outro ela determina este olhar. (BERGUE, 1998)

Para Berque (1998, p. 85), ao exprimir uma sociedade a paisagem torna-se marca e ao mesmo tempo uma matriz "porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação [...]", significada pela forma e subjetivada pelo conteúdo.

Assim, a paisagem surge como possibilidade de representação e a sua existência, conforme nos afirma Gomes (2001, p. 57) é,

> [...] condicionada pela capacidade do indivíduo em reter, reproduzir e distinguir elementos significativos (culturais ou naturais, circunstanciais ou processuais, adventícios ou genuínos, entre outros aspectos) desse mosaico construído. [...] evoca significados a partir dos signos e valores atribuídos. Esses signos assumem amplo espectro de propriedade e escalas numa grade semântica própria.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1999, p. 312) do Ensino Médio da Geografia, nos traz uma excelente contribuição nessa mesma direção ao evidenciar que a paisagem deve ser entendida e percebida,

> [...] pelos sentidos e nos chega de maneira informal ou formal, ou seja, pelo senso comum ou de modo seletivo e organizado. Ela é produto da percepção e de um processo seletivo e apreensão, mas necessita passar a conhecimento espacial organizado, para se tornar verdadeiro dado geográfico. A partir dela, podemos perceber a maior ou menor complexidade da vida social.

A nossa missão ao ensinar Geografia a partir da paisagem é de grande relevância, pois esta nos permite desvendar os processos “co-integrados” – naturais ou humanos – que estão ou estiveram presentes na sua formação, os seus signos e as suas marcas.

Segundo Joly (1996) um signo deve exprimir idéias e provocar atitudes interpretativas, por outro lado, “[...] para que haja signo é preciso que haja marca [...]” (BARTHES, 1980, p. 15). E essa marca produzida zelosamente traz em si outro aspecto evidenciado por ele o *studium,* o amestramento, ou seja, o exercício propositadamente criado para eternizá-la.

Entendemos assim que as imagens objetivamente construídas têm um papel fundamental, pois tornam eternos, ou seja, imortalizam pessoas, produtos, lugares, fatos, etc. Muitos são ícones reconhecidos mundialmente.

Nesse contexto, retornamos à discussão teórica da Geografia procurando demonstrar a importância dos conceitos e das metodologias de análise próprias à disciplina, nos trabalhos com a Geografia escolar.

A partir dessa discussão, passamos a um trabalho de campo realizado no centro da Cidade de Salvador com a intenção de compreender sua paisagem como um conjunto simbólico capaz de oferecer condições de entendimento acerca das dinâmicas sociais e das representações sócioespaciais alí presentes.

A CIDADE DE SALVADOR

Segundo a Empresa de Turismo de Salvador (Entursa), no seu site,

> A história da cidade de Salvador inicia-se 48 anos antes de sua fundação oficial com a descoberta da Baía de Todos os Santos, em 1501. A Baía reunia qualidades portuárias e de localização, o que a tornou referência para os navegadores, passando a ser um dos pontos mais conhecidos e visitados do Novo Mundo. Isso fomentou a idéia de construção da cidade. O rei D. João III, nomeou o militar e político Thomé de Souza para se ser o Governador – geral do Brasil e fundar, às margens da Baía, a primeira metrópole portuguesa na América.
>
> Em 29 de março de 1549, [...] era fundada oficialmente a Cidade do São Salvador da Baía de Todos os Santos, que desempenhou um papel estratégico na defesa e expansão do domínio lusitano entre os séculos XVI e XVIII, sendo a capital do Brasil de 1549 a 1763.

A fundação da Cidade do Salvador, como se pode perceber em ambos os textos, remete a idéia da formação de uma extensão do espaço português no Novo Mundo que deve ser defendido, seja por suas vantagens comerciais, seja pela instalação de um território político cujas decisões viriam de além mar. As formas espaciais clássicas de defesa, como a muralha e as fortalezas se fazem presentes até hoje em alguns lugares da cidade, e como composição da cidade antiga.

No caso específico de Salvador, uma linha de falha geológica estabelece uma separação física entre dois espaços socialmente diferentes: a cidade baixa e a cidade alta.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho teve uma estruturação com base nos pressupostos teóricos e epistemológicos à luz da Geografia Cultural (CORRÊA & ROZENDAHL, 2010), utilizando-se de instrumentos como imagens, mapas mentais, fotografias, questionários e entrevistas.

Nessa perspectiva, o trabalho de campo foi dividido seguindo o eixo temático da disciplina discutido com os educadores e educandos, no total tivemos 09 (nove) equipes, com 04 (quatro) ou 05 (cinco) componentes.

O ponto de partida do trabalho de campo foi em frente ao Mercado Modelo, localizado no centro histórico de Salvador compreendido entre a Praça Cairú – na cidade baixa - o elevador Lacerda como articulador entre as cidades baixa e alta, as praças Municipal, da Sé e Terreiro de Jesus, bem como o conjunto formado pelo Pelourinho. Essa escolha se deveu à nossa compreensão de que esta área revela um conjunto interessante da cidade, de sua inserção no movimento como um espaço de turismo global, em contradição com a população residente, ou que faz uso deste espaço. (CORREIA; FARIA; SCHWARZELMULLER, 2010)

Cada equipe recebeu o roteiro de trabalho, com 5 (cinco) atividades. Nessas atividades priorizamos a idéia concebida por Cavalcante (2006, p.71)

> [...] de tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimentos para o aluno, o que requer constante diálogo do sujeito do conhecimento, portador de uma cultura determinada, com esses objetos culturais, no sentido de

atribuir-lhes significados próprios, o que é necessário para um processo de aprendizagem significativa.

Nosso objetivo nesse trabalho foi desenvolver as habilidades de observação de parcelas da paisagem central da Cidade de Salvador, em suas formas, e os seus usos possíveis que caracterizam os diversos *territórios urbanos.* Lembrando sempre que: observar é estranhar!

Essa foi a nossa missão. Transformar o cotidiano vivido matéria de nossa reflexão, não apenas em objeto, mas em relação intersubjetiva entre o eu, que observa, e os territórios urbanos animados. Como nos ensina Pellegrino (1988, p. 82), um encontro de cada um de nós com “nossas contradições, abusões, virtudes e desterros”.

AS ATIVIDADES

ATIVIDADE 1

Observe a partir do Mercado Modelo a visão deste ponto com relação a:

a) Cidade alta

Observe a partir da parte alta do elevador Lacerda a visão deste ponto com relação a:

b) Cidade baixa

A partir dessas observações você deve criar um desenho esquemático da defesa da Cidade Alta e escrever uma pequena legenda para identificá-la.

ATIVIDADE 2

Nessa atividade, sua missão é passear pela Praça da Sé observando o que se troca, as pessoas que lá estão o que se vende.

Você deve selecionar cinco palavras, e não mais que cinco que componham não uma narrativa, mas uma identificação deste lugar na cidade.

Essas palavras devem ser muito bem selecionadas, pois elas serão utilizadas mais tarde no fechamento de nossos trabalhos, portanto devem estar ligadas ao tema geral de nosso projeto.

ATIVIDADE 3

Indo em direção ao Terreiro de Jesus, você deverá organizar um croqui desse espaço, a partir da sua percepção *in loco* e das palavras selecionadas na atividade anterior.

ATIVIDADE 4

Chegamos ao Terreiro de Jesus.

Uma das discussões importantes no âmbito da Geografia Contemporânea sobre os espaços diz respeito ao uso de seu território. Segundo Milton Santos (2008), o espaço seria um "sistema de objetos e um sistema de ações" que constituem um binômio de referência para a compreensão do espaço. No entanto, podemos encontrar, de forma residual, diversos usos do território, que nem sempre estão em consonância com os desígnios funcionalistas do conjunto objetal de um determinado lugar. Isso significa que, em uma mesma área podemos encontrar diversas territorialidades, que se conformam segundo os usos diferenciados do território.

O desafio dessa fase do trabalho é, em primeiro lugar, procurar definir por uma observação dos objetos, o uso dominante do território. Em um segundo momento, você deve procurar usos residuais do território determinando:

a) Os agentes que os determinam;
b) O ritmo de uso do território;
c) A relação que se estabelece entre os usadores (que não é o mesmo que usuário) do espaço e os objetos espaciais.

ATIVIDADE 5

Aqui você deve escrever um pequeno texto, de preferência um poema, que estabeleça uma síntese dos espaços visitados.

O texto pode resgatar a totalidade das atividades desenvolvidas em nossa atividade de campo, ou selecionar aquilo que mais lhe chamou atenção.

No entanto, todos os textos devem estar orientados pelo tema de nosso trabalho: **A paisagem na Cidade de Salvador**

Assim, podemos afirmar que a cidade desvenda a vida habitual de homens e mulheres no seu constante movimento de ser e estar no mundo. A cidade é, sem equívoco, um espelho da complexidade do espaço que o homem (re)produz nos seus mais diferentes arranjos socioculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar Geografia pelas imagens através das paisagens é bastante interessante para se poder compreender a realidade, pois nos permite desvendar os processos. A paisagem, portanto será percebida "[...] pelos sentidos e nos chega de maneira informal ou formal. [...] Quando a compreendemos dessa forma, já estamos trabalhando com a essência do fenômeno geográfico." (PCNs, 1999, p. 312)

Aprender Geografia a partir do espaço intra-urbano nos obriga a pensar o objeto e os métodos presentes no ensino dessa disciplina, a relação entre teoria e prática, bem como, o papel do educador e a importância da Geografia na formação dos educandos.

De acordo com Pimenta (1997, p. 172) "a atividade teórica possibilita o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação [...]", a atividade teórica sozinha não é suficiente. "É preciso atuar na prática [...]". A realização desse trabalho de campo pautou-se nessa lógica, isto é, na indissociabilidade entre teoria e prática.

É imprescindível que o educador tenha o conhecimento geográfico como referencial para a decodificação e ressignificação das paisagens, e o trabalho de campo constitui uma das mais preciosas ferramentas dos geógrafos, recurso bastante utilizado e com efeitos muito positivos. Esta estratégia instiga a curiosidade e a observação, através do cotidiano.

Nesse sentido, o ensino-aprendizagem a partir do cotidiano mostrou-se uma referência de extrema importância para os educandos que estão construindo a sua identidade profissional, ao possibilitar uma reflexão sobre a necessidade de pensar o dia-a-dia, como modo de inserção social de ser humano, com o objetivo de formar

sujeitos históricos e críticos das realidades que lhe são postas, protagonistas de atuações que possam transformar a realidade em seus diversos aspectos. Nessa perspectiva, o ensino da Geografia pressupõe desenvolver e ampliar as habilidades e competências dos educandos na (re)leitura do mundo.

Verificamos que o estudo da paisagem dessa parcela da Cidade de Salvador, através das imagens possibilitou aos educandos uma melhor compreensão das formas e dos conteúdos, das idéias, dos sentimentos, das paisagens que ali coexistem.

Como resultado final os educandos socializaram os conhecimentos adquiridos e ressignificados da paisagem a partir das respostas das atividades, que foram decodificados através da elaboração de painéis e portfólios, apresentados durante a Semana Acadêmica.

Conclui-se que o Trabalho de Campo atingiu seu principal objetivo de ensinar Geografia pelas imagens. Identificou-se através dos resultados socializados que os educandos compreenderam o conceito de paisagem a partir de uma parcela da cidade e como esse estudo pode ser realizado pela disciplina.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES Roland. **A Câmara Clara**, Lisboa, Edições 70, 1980.

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para ma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998 (1981).

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** geografia. Brasilia, MEC-SEF, 1998.

CARLOS, A. F. A. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTI, Lana de S. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia (org.). **Educação geográfica**: teorias e práticas. São Paulo: Contexto, 2006.

CAVALCANTI, L. de S. (Org.). **Geografia da cidade:** a produção do espaço urbano de Goiânia. Goiânia: Alternativa, 2001.

CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2010.

CORREIA, Marcelo A.; FARIA, Marcelo O.; SCHWARZELMULLER, Helmut.; CÔRTES, Valdete R. **Da teoria à prática da educação geográfica:** ida e volta. Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos. 2010.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. Natureza e cultura – representações na paisagem. In: CORRÊA, R.L. e ROSENDAHL, Z. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem**: teorias do pós-moderno e outros ensaios. Trad. Ana Lúcia Almeida Gazolla. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

PELLEGRINO, Hélio. **A burrice do demônio.** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

PIMENTA, Selma Garrido. A didática como mediação na construção da identidade do Professor: uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura. In: MARLI, E. D. A. et al. (Orgs.). **Alternativas no ensino de didática**. São Paulo: Papirus, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** Técnica e tempo, Razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2008.